

**4ª PARTE**

---

**Discursos**

## SAUDAÇÃO AO POETA HORÁCIO DÍDIMO (\*)

*Artur Eduardo Benevides*

Não sei por que sempre tive a impressão de que Horácio Dídimo é o Pequeno Príncipe, de Antoine da Saint-Exupéry. Mesmo agora, já de cabelos grisalhos, a mostrar as cobranças do tempo em nossa vida, ele continua a ser, para mim, aquela criança que o grande autor e aviador francês imaginou um dia, a dizer cousas maravilhosas e profundas, sob a luz incessante da beleza.

É um pajem da poesia. Um passageiro da etérea nau do sonho. Um escudeiro de todas as estrelas, nos céus da nossa fantasia. Ou um peregrino de Deus. Um mensageiro dos sagrados mistérios. Um primo daquele anjo que desceu à Terra para anunciar à Virgem o seu belo destino.

Acho que ele continua a dar prosseguimento, em seus versos, ao espírito de Infância que adormeceu em nós como os nossos mortos adormeceram em Cristo. E por isso o mundo ainda não está totalmente perdido. Erguem-se, aqui e ali, as palavras de todos os poemas, na sustentação de um canto universal e perene, em que os poetas tentam salvar a imagem dos seres e das cousas, no púcaro sensível das metáforas.

Entregue a essa faina está Horácio Dídimo, com sua lira de Anfício, a reconstruir o tempo, o amor e a esperança, em meio aos clamores do caos em que se transformou o mundo. E, enquanto canta, no pleno exercício de sua missão, vai pregando, também, a palavra das palavras, que sobe, qual intérrima luz, dos textos evangélicos, ou nos lembra o Mestre a caminhar sobre as águas, espantando os discípulos, no Mar de Tiberíades.

Quem o conhece de perto, sabe que ele transmite paz interior, humildade e compreensão, melhorando sempre a arte de viver e conviver, mesmo se os lobos ameaçam os rebanhos de seus sonhos. Quando um dia ingressou na Faculdade de Letras, onde seria meu aluno de Literatura Brasileira, percebi de imediato nada ter a oferecer-lhe, em termos de ensino e de cultura literária. Ao contrário, iria aprender — e quanto! — com sua alma generosa e múltipla, que se alimenta de orações e de arco-íris e conhece a escada de luz que leva o espírito humano aos pés de Deus.

Procurei dar-lhe, em todos os momentos, caloroso estímulo, acreditando em sua capacidade de criar e de interpretar o espaço, o tempo, o sonho e a história. Ao contemplar as irradiações inaugurais de seu talento, pude ver

---

(\*) Proferido no Auditório da ACL, Palácio Progresso, 12º andar, na noite de 8 de maio de 1987.

que ele era, legitimamente, um poeta, a dizer a sua verdade mais secreta com a leveza de um vôo ou de uma pluma que cai e a grandeza solitária de um salto sobre o abismo.

Quando se é poeta, a celebrar-se no canto o real e o mágico, o sagrado e o profano, o belo e o trágico, o fungível e o eterno, a poesia, não é um mero exercício verbal ou um jogo retórico brotado dos nossos ócios e vagares. Ao contrário, constitui um oráculo existencial, uma fonte maior do binômio pensamento/sentimento e uma catarse pela qual nos libertamos dos fantasmas que vagam nos espelhos do nosso inconsciente. Ao cantar, o poeta dá continuidade ao Gênesis, na recriação daquele proustiano tempo pendido, que só a literatura e as artes podem captar e traduzir, na vida de todos os povos.

Horácio Dídimo é, essencialmente, poeta. E há um tríplice em que se apóia toda a sua ação intelectual, ao longo do tempo: a leve intenção filosófica e por vezes irônica de muitos de seus versos, um modo especial de falar à alma das crianças e à exaltação do poder da fé, como se lê nas sugestivas páginas de *As Harmonias do Pai Nosso*. Ele é um homem que se afasta, cada vez mais, das coisas vãs e dos rumores do mundo, para usar expressões consagradas no Capítulo XX da *Imitação de Cristo*, entregando-se a reflexões e leituras piedosas e ao movimento carismático e cursilista da Igreja pós-conciliar. Não há nisso, porém, qualquer preocupação soteriológica, mesmo porque ele já foi salvo pela luz da Poesia e estará, no *Dies irae*, à direita de Deus, pois conserva em si o ideal da caridade e esta, segundo o apóstolo São Paulo, lava todas as manchas e culpas. E a sua vida é a de um cristão autêntico, em quem a espiritualidade representa uma constante, a refletir-se em tudo o que faz e escreve.

Oh, quanto me apraz dizer que acompanhei de perto sua ascensão literária, dos poemas de “Tijolo de barro” aos nossos dias, vendo o seu crescente aperfeiçoamento lingüístico e temático, com a qualidade a sobrepor-se à quantidade, ou o conteúdo a prevalecer sobre a estrutura ou arquitetura da obra criada! E é com alegria que o vejo, hoje, entre os maiores especialistas em Literatura Infantil, em nosso País, numa arte que fez, no mundo, a glória de um Swift, de um Perrault e dos Irmãos Grimm, sem esquecer o fascínio das “Mil e uma Noites” e a dos filmes de animação de Walt Disney.

E tudo isso é poesia, que não se resume apenas à prisão do verso. A prece, em si, é um poema. Ou a histórieta infantil. Ou a carta que vem de longe, nas asas da saudade. Ou o doce falar das mães aos filhos pequeninos. E as palavras lindamente tolas que murmuramos ao ouvido da mulher amada.

Tudo é poema, disse Augusto Meyer. E cabe ao poeta a difícil missão de transfigurar o sentido das cousas e a visão dos seres, para que possam penetrar no eterno. Cabe-lhe dizer aquelas grandes palavras a que se referiram Jorge de Lima e Augusto Frederico Schmidt, a fim de aclarar os caminhos do mundo em desespero, criando módulos de paz.

E esse tem sido o ofício de Horácio Dídimo. O ofício de quem busca valorizar a linguagem, que Heidegger chamou de “morada do Ser”. Ou sabe,

como Meng-Tsé, na Velha China, que “o grande homem e aquele que jamais perdeu seu coração de criança”. Por isso mesmo, o binômio Infância e Poesia é o *punctum saliens* da obra do novo Acadêmico, que hoje ingressa triunfalmente nesta Casa. A Infância — negar quem há-de? — domina-o da mesma forma que os ventos bailam sobre as águas, nos longes do mar. E ele tenta dizê-la, ou exprimi-la, na simplicidade de seu numeroso mistério, com o que, em última análise, abençoa, agradecido, a obra de Deus.

Para saudá-lo, em nome da Academia, aqui estou, por designação do presidente Cláudio Martins. E nada me agrada tanto, pois fui dos primeiros a reconhecer o fulgor de sua inteligência tranqüila e fecunda e de seu talento criador, que é, nele, aquela *parte do divino* a que se referiu Goelderlin na lucidez de sua maravilhosa loucura.

Em nome de todos os Acadêmicos, portanto, eu lhe digo, de certa forma comovido a repetir Manuel Bandeira nos versos de “Irene no Céu”: pode entrar, Horácio. Você aqui nem precisa pedir licença. E venha tornar mais belo o trabalho desta Casa em benefício da cultura e dos ideais de verdade e de beleza. Bem-vindo seja, meu poeta. Nunca o mundo necessitou tanto dos que sonham, como agora. Por isso, erga a sua voz e cante. Cante a prenhez das almas a frutificar na glória do amor; ou as cousas essenciais e míticas; o poder dos sonhos; o milagre da vida; as velhas fontes e frondes; os carrosséis coloridos; as ovelhas no alto das montanhas; a solidão interior; as viagens, sobretudo as imaginárias; as borboletas que pousam nos chifres dos antílopes; as barcas que descem sobre os rios; ou as rosas que deixamos de enviar às namoradas de outrora, que ficavam, em cidadezinhas esquecidas, a tecer as tardes com os fios de suas tranças penduradas nas nuvens da esperança. Sim, meu poeta, cante. Refaça os caminhos da infância, as veredas das sagas e das lendas, ou as estradas que conduzem a Alcácer-Quibir, onde talvez encontremos a brilhar sobre a areia retalhos dos sonhos de Dom Sebastião. Leve-nos, com seu verbo, ao Mar da Galiléia, a fim de que um barco nos conduza de volta a Pedro, o Pescador. Glorifique a sua fé. Os tempos finais se aproximam, de acordo com as profecias. Mas ainda podemos cantar. Cantar para ajudar a vida. Cantar a dor das guitarras de Portugal, dos violões nostálgicos de Andaluzia, ou das violas de onze cordas que soluçam nas noites do sertão. Cantar as baleias azuis que estão desaparecendo, a tristeza dos rios poluídos, a natureza satanicamente destruída e o silêncio dos infelizes apanhados pelas diásporas e pelos ásperos exílios. Essa é a nossa missão. Cantar sem qualquer compromisso, a não ser com a própria Poesia, que Novalis chamou de “autêntico real absoluto”, Ezra Pound considerou uma espécie de matemática inspirada e Edgar Allan Poe entendia como “criação rítmica de beleza”, tendo, como verdadeira maravilha, na visão de William Temple, “o jogo de contrários que a devem compor, com um espírito ao mesmo tempo sólido e penetrante, uma forma simultaneamente inflexível e delicada, exigindo enorme excitação para concebê-la e imensa calma para aquilatá-la e corrigi-la, de modo a oferecer, na mesma árvore, flor e fruto”. A poesia — direi — é a nossa demanda do Santo Graal, a que vamos

às vezes com um pouco do delírio imortal de Quixote, à sombra de lívidas estrelas, como, outrora, os jograis e os navegadores. Sim, a Poesia é uma forma transcendente de ver e o seu *Weltenraum* é o espírito humano servido pelos mitos, pelos símbolos, pelas metáforas, pelas alegorias, pelo sentimento do mundo e pela tentativa de compreender o efêmero e o eterno, para suportar, com esperança, *la douleur de vivre*.

E por ter a consciência de sua importância como ser e como poeta, cante. Os céus estão ouvindo, mesmo que as multidões comecem e ficar surdas. Use para acompanhar-se, a fruta de Pã, a lira de Orfeu, o Cravo Bem-Temperado, a Flauta Mágica, a Flauta de Jade ou os humildes pifaros do nosso Cariri. Levante a sua voz fraterna e justa com a convicção e a firmeza dos que entoam as litânicas e os réquiens. O Canto é a vida, ritmo, cor, harmonia, movimento e beleza, a fecundar as almas na fluidez dos temas que não morrem. Sua voz, meu Pequeno Príncipe, deve altear-se com urgência em direção ao infinito e ao coração dos homens. Cante pela paz e pela concórdia entre as nações, que esse é um dom maior, um sagrado compromisso, um destino. Cante pela perene juventude do amor, pelas aves que ainda estão a voar, pela leveza dos plátanos caindo, pelos trigais balouçando ao vento, ou pelas pobres moças que envelheceram virgens, chorando sobre as pedras de sua solidão. Cante pelos que nunca aprenderam a cantar, pelos que — envergonhados! — não puderam prantejar sua tristeza, ou pelas mães que esperaram, madrugada a dentro, enroladas em chales e em sonhos, pelos filhos que nunca regressaram. Cante da mesma forma que David cantou seus belos Salmos, e Salomão louvou a sua Amada, e São Francisco agradeceu as dádivas recebidas, e Claudel manifestou sua crença na misericórdia da Mãe do Salvador. Cante a glória policrômica das manhãs, as cigarras a erguer as tardes de verão, as clepsidras, os velhos jardins, os esquilos saltando nas florestas, as uvas transformando-se em vinho mo mosto dos lagares, e as saudades marinheiras que são ilhas do mar. Cante o ser humano, enquanto esse *roseau pensant* de Pascal não se torna escravo de seus andróides e computadores. Há muita cousa ainda para cantar e ver. E nem há necessidade de ver. Homero era cego e cantou, com ressonância nos séculos. E foi murmurando seus belos *spirituals* que os negros suportaram os estigmas do cativo, sob o poder de Sísifo do banzo, e os mártires cristãos penetraram, transfigurados, nas arenas romanas, ante o sorriso mórbido dos Césares. Cante, mesmo num tempo terrível como este, em que, num segundo, poderão desaparecer, sob o clarão mortífero das bombas, tudo o que criamos em termos de civilização e de cultura. “O World! O Life! O Time!” — poderíamos repetir como Shelley, num momento em que o *cogito ergo sum* cartesiano foi substituído pelo dístico de Camus — *je me revolte, donc je suis*. Mas, há poetas que tentam afastar, talvez inutilmente, os ventos cruéis do pré-Apocalipse, para que se ouça o Hino à Alegria, que Beethoven extraiu do gênio de Schiller para colocar no final da Nona Sinfonia. E é preciso que cantemos para que Deus não ouça os insultos e as provocações dos ímpios. Por isso, cantando você entra nesta Casa. E pelo amor, que Bachelard chamou de “fogo que se trans-

mite”, ou pela solidariedade, que o Padre Lebrete transformou numa grande esperança, jamais deixe de cantar.

Cante as torres solitárias, os pinheiros no topo das colinas, os pôneis a correr nos verdes prados, as vilzinhas mediterrâneas, os telhados de Chelsea, as povoações do Nordeste, o aboiar sem fim dos tangerinos, ou o viajar dos saltimbancos, dos andarilhos e dos romeiros, a visão quase fantástica dos astronautas e a dor dos que se batiam em duelos em defesa dos direitos do coração. Deus gosta de quem canta e ama. E estende a mão aos que dançam em seu louvor. E cantar é uma forma de ser, na transcendência da alma, constituindo um *munus* dos poetas, seu privilégio e ofício, mesmo que todo canto seja invariavelmente triste. Mas, por ser assim, se engrandece e permanece em nós, junto às cousas que não morrem. Afinal, poesia é beleza aprisionada em solidão. E a beleza traz em si um pouco do perdido sol do Paraíso, quando os bichos, os homens e as águas viviam em comunhão.

Não podemos, é certo, cantar só as cousas reais e a vida presente. Temos, sobretudo, de lembrar o eterno, guardado pelo silêncio da verdade, da sabedoria e do amor. E no verso se alternam geografias essenciais e as vozes dos mistérios, dos mitos, dos milagres, dos enigmas, das lendas, das memórias e das primeiras canções e epopéias do mundo, na harmonização dos ideais de Apolo e Dionisos, fazendo surgir também os cristais daquela humana condição a que se referiu Montaigne, num modelo de representação da alma, em que entram a tristeza, a glória, o amor, a vaidade, o remorso, o perdão, o ciúme e a saudade, entre outras facetas do mundo interior.

Se há necessidade, ao fim de cada geração, de um *frisson nouveau*, na construção da arte e na reconstrução da vida, os temas são sempre os mesmos, só se modificando a linguagem e certos recursos estruturais e estilísticos. Hoelderlin fez hinos à liberdade, às cousas belas e ao amor. Pablo Neruda também os fez. E Byron, Walt Whitman e Leopold Senghor. Ou Castro Alves e Carlos Drummond de Andrade. Ou Ezra Pound e Octavio Paz. E você. E todos os poetas do mundo, maiores ou menores, que essa dimensão se mede através do poder de transfigurar a vida. Por isso, em dicção moderna, com sua lira *up-to-date*, cante. É só o que lhe pedimos, Dr. Horácio Dídimo, na sua chegada à Casa de Tomaz Pompeu.

Cante os lugares e as cousas que amou, pouco importando que sejam meras utopias e castelos de areia, ou os verdes caminhos de Ofir, a estrada de Damasco, a Ilha dos Amores, o Morro dos Ventos Uivantes, a Quinta das Lágrimas, as veredas do Grande Sertão, as ruazinhas de sonho de Pasárgada, a ponte dos suspiros em Veneza, a Terra Prometida, a aldeia de Guernica, a Ilha de Santa Helena, o bairro de La Boca em Buenos Aires, a Paulicéia Desvairada, o rio Parnaíba, o Mondego, a praça de touros em Salvaterra, o Quartier Latin, a ponte de São Luis Rei, a fotografia de Itabira na parede, a chuva caindo sobre Rangoon, os castelos nórdicos, Vila-Rica, Vila Isabel ou as pracinhas da Fortaleza antiga, onde passavam, a desoras, na *belle époque* as serenatas enluara-

das, a entoar os versos da Pequenininha Cruz do Teu Rosário”, nome qual se tornou conhecido o poema “Loucuras”, de Fernando Wayne. Cante as espigas a pendoar ao vento, o quebrar da barra ao amanhecer, o tempo parado na estátuas eqüestres, as valsas domingueiras Nas retretas de outrora, ou os velhos engenhos e casarões coloniais, onde viveram as lindas sinhás tão donzelas, as mães-pretas, os Vitorinos Carneiros da Cunha e os rudes senhores de baração e cutelo, enquanto lá fora, nos braseiros da seca, caminhavam as legiões místicas de Antonio Conselheiro e se ouviam as patas dos cavalos dos cangaceiros, na saga implacável das vinganças. Cante, quando ou se necessário, a grandeza épica de um Moisés, de um Ulisses, de um Gilgamesch, de um Siegfried, de um Dom Quixote, de um Cid, de um Rolando, de um Ricardo Coração de Leão, de um Martin Fierro, ou de um rei Arthur, este a fundar a Távola Redonda para procurar um sonho: o sangue de Jesus recolhido numa taça pelo príncipe José de Arimatéia. Cante a tristeza de Londres sob o *fog*, as brumas de Avalon, os luares de Verona, a estrela de Belém, a estrela Aldebarã, o Castelo de Duíno, os portais de Babilônia, os cemitérios marinhos, os minuanos gaúchos, os arco-íris de Pacatuba, os girassóis amarelos de Van Gogh, as barcas cortando o Reno e o Mississipe, as Califórnia do sonho, o rio da nossa aldeia, ou o som de metal das arapongas nos meios-dias de fogo do sertão.

Pelos olhos das Amadas  
pelos soluços do povo  
pelas cousas encantadas  
pelos frutos em renovo;  
pela flor amanhecendo  
pela glória da alvorada  
pela vida oferecendo  
a cada fim nova estrada;  
por tudo o que vem do eterno  
pelo amor em transcendência  
pelo sol ou pelo inverno  
em nossa louca existência;  
pela magia do sono  
pelo sono da tristeza  
pela tristeza do outono  
ou pelo outono em beleza;  
por nosso chão, nosso lar,  
por nossos mortos queridos  
pela vontade de amar  
os belos tempos perdidos;  
por um leve amanhecer  
por um adeus no caminho  
pela dor de se viver  
longe de tudo, sozinho;  
por nossas noivas e mães

por nosso sonho disperso  
pelos grandes capitães

a navegar no universo — Cante! Cante as virgilianas “lágrimas das cousas”, o espírito que habita o coração de todos, os eventos grandiosos ou fantásticos, os êxodos terríveis, a poderosa sugestão do mar, o longo silêncio da morte, o espetáculo da vida e as visões e vozes dos profetas e dos santos. O poeta de hoje é o mesmo aedo grego, ou bardo celta, ou vate romano, ou trovador provençal, ou segrel e jogral português, ou menestrel de França, ou mestre-cantor alemão, a narrar ou a renovar a lírica e a épica do tempo e da vida, enquanto Leviatã não esmaga totalmente o ser humano, o único animal que possui a consciência da morte, no dizer de Platão. Cante, que o sofrimento brotado dos nossos erros e descompassos parece aumentar inexoravelmente, nesta hora em que o mundo se transforma numa cópia fatal de Sodoma e Gomorra e os castigos já se tornam visíveis. Cante enquanto passeia pelos últimos sonhos o expectante olhar das nossas Bem-Amadas, as imortais Catarinas, as Andrômedas, as Penélopes, as Eurídice, as Galatéias, as Ofélias shakespearianas, as Isoldas Wagnerianas, as Milenas Kafkianas, as *ladies* Godivas, as Cinde-relas, as Helenas de Tróia, as Cleópatras, as Inês de Castro, as Princesas de Cleves, as morgadinhas dos canaviais, ou a nobre duquesa a dançar já velhinha com o senhor cardeal, no soneto de Júlio Dantas; ou Sulamita — a flor salomônica; ou Julieta — a que morreu de Amor, repetindo o gesto mitológico de Tisbe; ou a fascinante Jane Eyre; ou a Raquel dos “sete anos de pastor; ou aquela mulher de formosura helênica e de cujo ventre nasceriam deuses, dos versos de Raul de Leoni; ou as Musas gregas; ou Ana Amélia, a quem Gonçalves Dias ofertou as comovidas palavras que iluminam o texto de “Ainda uma vez adeus”; ou Iracema — a dos lábios de mel; ou as proustianas *jeunes filles en fleur*; as doces Marias de todas as canções; as tropicais Moreninhas de Macedo; as Capitus de olhos de ressaca; ou Diadorim (disfarçada em mistério como se mistério não fosse); ou Isabel — rainha e santa; ou Fedra — que se matou abrasada por um amor proibido; ou as três Graças; ou as Valquírias e as amadas inacessíveis dos *Niebelungenlied*; ou a princesa Ariana — *do Amadis de Gaula*; a Joana Zagalo, da novela *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro; ou Sôror Mariana Alcoforado, em seu desesperado amor pelo Conde de Saint-Léger; ou a infeliz rainha Guínevère, a amar perdidamente, Lancelot du lac, cavaleiro da Távola Redonda; e a formosa Negra Fulô, do poema de Jorge de Lima, a despertar a paixão do poderoso senhor de terras e de gentes; ou a Taís, de Anatole France, a enlouquecer o abade na solidão do deserto; ou Carmem *la gitaniilla*, da história de Merimée, aproveitada em ópera por Bizet; ou a Izabel do *Tambäuser*, em que o amor mistura-se ao fantástico; e a irresistível Semiramis, criadora dos jardins suspensos da Babilônia; a graciosa Leda, mulher de Tíndaro, a despertar o amor de Júpiter (ou Zeus); a Gioconda, de Dannunzio, a repetir, de certa forma, o mito de Pingmalião; a resplandecente Maria Antonieta, por cujos belos olhos suspiraram os Pares de França; Colombina, da *Commedia dell'arte*; *La Belle Hélenè*, de *Offenbach*;



a misteriosa Rosebud, do inesquecível filme *Cidadão Kane*, de Orson Welles; a mocinha cega por quem se apaixonou Carlitos em *Luzes da Cidade*; ou Salomé — a dançarina dos sete véus, a exigir, na vitória na carne, a cabeça do profeta; ou a levíssima Cathy a voltar da morte em procura do amor, nas páginas de *Wuthering Heighis*; ou Pepita Jimenez; ou Madame Pompadour; Madame Bovary; Mary Stuart; ou a Natacha, de *Guerra e Paz*; ou Madalena, a banhar os pés de Jesus com suas lágrimas; ou Betsabá, mulher de Urias, a enfeitiçar o rei David com sua beleza sensual; ou Sheherazade, a sultana das *Mil e Uma Noites*; George Sand, o grande amor de Chopin; ou a misteriosa Mona Lisa, de Leonardo Da Vinci, inspirada na Duquesa Isabel de Aragão; ou a charmosa Duquesa de Windsor, por cujo encanto Eduardo VIII renunciou ao trono da Inglaterra; ou a Baronesa Von Trapp, cuja vida serviu de base ao filme *A Noviça Rebelde*; ou a flamejante Catherine Deneuve, a bela da tarde; ou a Lady Chatterley, do romance de D. H. Lawrence; a Tess d' Urbvilles, da narrativa de Thomas Hardy; a Ana Karenina, de Tolstoi; ou a Marquesa de Santos, que pôs submissos aos seus pés o jovem fauno imperial D. Pedro I; ou a Margarida, do *Fausto*, de Goethe; ou as lívidas *dames du temps jadis*, da balada de François Villon; ou Anabel Lee; Natércia; Lorelei; as grandes mulheres bíblicas — Sara, Ruth, Judite e Ester; a melancólica Dama das Camélias, ou *Ies yeux d' Elsa*, cantados por Aragon; as Três Mulheres do Sabonete Araxá, dos versos de Manuel Bandeira; a morena do cabelo cacheado, a sorrir no poema de Ascenso Ferreira; a moça da estaçõzinha pobre, docemente lembrada por Ribeiro Couto; ou Luciana e Josefina, que iluminaram a lira de Augusto Frederico Schmidt; ou a Jandira, de Murilo Mendes, tão bela que o mundo começava nos seus seios; ou Marília de Dirceu; ou Eugênia Câmara, a ardente paixão de Castro Alves; ou a Lindóia, do poema de Basílio da Gama; ou aquela misteriosa mulher do soneto de Felix d'Arvers; ou a Carolina, de Machado; ou a menina Constança, a perturbar o sono do Solitário de Mariana; ou Dona Flor; ou a Rosa, da canção de Pixinguinha; ou as Pastorinhas, de João de Barro e Noel Rosa; ou as ingratas de tantas serenatas; ou aquelas velhinhas rosianas, que arrulhavam para o Divino Espírito Santo; ou quantas mais, todas lindas, eternamente jovens, feitas de luz e de sonho. a engrandecer a vida com o sereno esplendor de seu sorriso.

Oh, as mulheres, que Guimarães Rosa chamou de "sóis de enganos"! As vezes, tão fugidias, estando tão perto, servindo de exemplo o episódio machadiano da *Missã do Galo*. Outras vezes, vagas e imprecisas, como nos versos de Jorge Luis Borges, Rilke e T.S. Elliot. Ou terrivelmente verdadeiras, como no caso de Meg, de *Pássaros Feridos* ou nas aliciantes histórias de Marguerite Duras e no realismo mágico de Gabriel Garcia Marquez. E quase sempre são estrelas a cair sobre as valsas que nunca haveremos de dançar. Mas, é missão dos poetas louvá-las e glorificá-las pelos séculos dos séculos, com a triste exceção de Augusto dos Anjos, que confessou total incapacidade para o amor. Os demais ardem de paixão e às vezes se queimam, como as asas das borboletas sobre as chamas, pois a mulher amada é a *Musa Consolatrix* e a ela oferecemos, comovidos, baladas, epitalâmios, rendós, vilancetes, sonetos e outras formas

gentis de adoração, com que lembramos o maravilhoso poder de seu olhar, que nos envolveu e acaricia sem necessidade de palavras, qual dália a se abrir eternamente dentro de nós. Às vezes, porém, são tão grandes que se afastam das paixões terrenas e se entregam ao amor de Deus. E se chamam Santa Catarina de Sena, Santa Tereza d'Avilla, Santa Terezinha do Menino Jesus, Santa Clara, Santa Filomena, Santa Inês ou Santa Luzia, todas a seguir a poeira de luz das sandálias da Virgem Maria, a gloriosa Mãe do Redentor, a quem Claudel e Alphonsus de Guimaraens dedicaram versos imperecíveis. Ou então se transformam em poesias e viajam no tempo, doces como o vento, com o nome de Cecilia Meireles. Ou pousam em nós, num final de tarde, qual canção de amor guardada sobre o jade das recordações. Ou são exemplos de grandeza espiritual e se chamam Madre Tereza de Calcutá. Ou se tornam heroínas e são Joana d'Arc. E vivem eternamente.

Desculpe, meu poeta, a longa lista, mas o amor, ele mesmo, é longo e vário. Por isso, não deixe nunca de lembrar a presença das amadas em nossas almas. Elas são como meninas descalças sobre a relva, sobretudo se chegam quando já estamos velhos, ou quase, e sentimos o seu sol interior e a glória maior de seu carinho. E cuidamos de louvar esses momentos em nossos versos para que o amor, como ensinava Vinícius, seja infinito enquanto dure...

Cante, portanto, até morrer de cantar como as cigarras, pois nascemos com esse extraordinário destino. Cante pelos lírios dos campos, pelas lagoas adormecidas ou pelas altas estrelas nas águas refletidas. Cante, à semelhança de Tchaikovsky, pela dor dos corações solitários, ou pelas almas esquecidas e desamadas, ou malmada, soltas ao vento como folhas no outono. Cante pela saudade a iluminar o silêncio dos exílios ou pelas cartas que jamais chegarão ao seu destino. Cante pela esperança dos viajantes e dos peregrinos. Pelas crianças abandonadas e destroçadas. O mundo deixou de sonhar e está morrendo por falta de poesia. O espírito romântico, gerador de poetas e amantes, é pequenina lâmpada que se apaga. E logo mais não se poderá mais cantar, pois as máquinas vencerão o homem, já que a criatura, miticamente, sempre se volta contra o criador. Por isso, e por sua fé, Dr. Horácio Dídimo, pelo ideal da beleza ou pela memória da nossa travessia, quase sempre em tristeza — cante! Faça isso por nós. Pelo pobre *homo aeconomicus*. Pelo vazio existencial de milhões de seres. Pelo nascimento de um novo dia. Pela glória perene da Poesia. *Per Christum Dominum Nostrum. Sit nomen Domini benedictum. Alleluiah! Alleluiah!*